



Capa e Batina

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA



Editorial

Homenagem ao Professor Doutor Ferrer Correia.

O Professor Doutor Ferrer Correia foi meu Mestre e continua a sê-lo. É, além disso, meu amigo, qualidade que é comum à quase generalidade dos seus ex-alunos. Tenho, no entanto, a veleidade de supor que me dispensa o privilégio de uma amizade que não tem nada de comum.

Eu pago com juro e em espécie, única moeda com curso entre bons amigos. Na homenagem que os seus ex-alunos, de par com outros inúmeros admiradores, recentemente lhe prestaram, chamou-me amigo "fraterno". Foi tão bom ouvir isso da boca dele!

Ele é hoje o único professor catedrático vivo de quem tive honra de receber lições. Mas já antes disso, e a muitos títulos, ele era único.

O Professor Ferrer Correia é, porventura, a mais lúcida inteligência jurídica com quem tive a sorte de privar. E não estou a esquecer o fabuloso Manuel de Andrade, por muitos considerado o maior civilista do século. Andrade era também um sábio. Mas era confuso a expor. E viveu sempre tão virado para o lado de dentro das suas brilhantes cogitações que mal dava pela existência dos alunos.

Ferrer Correia via nos alunos a sua obra prima. Num tempo em que os sobejos do espírito escolástico ainda marcavam distâncias, o Professor Ferrer era já um amigo mais velho para os seus alunos. Aberto a esclarecer todas as dúvidas. Se bem que, após as suas lições sempre tão transparentes, sempre a tornarem fácil o mais difícil, as dúvidas não podiam ser muitas.

Como profissional do foro pedi-lhe pareceres, o que me permitiu contactos. Encontrei sempre neles a mesma luz. O seu cérebro prodigioso tornava acessível o raciocínio mais labiríntico. No fim, a conta disfarçava mal uma prenda.

Para mim, cedo passou a ter outra atracção: era um homem de convicções, e não abdicava delas. Um dia na rua da Sofia, descobri uma placa que me surpreendeu: Ferrer Correia Advogado. Pois quê? Ele também advogava? Do que se tratava era de que, durante anos, as suas convicções tornavam problemático o futuro da sua carreira académica. "Just in case"... foi montando banca de advogado, à cautela. Os senhores do tempo não se ensaiavam para cortar as pernas aos mais capazes.

Mas o seu brilho excepcional deteve-os. Seria mesmo professor catedrático, ainda que "a contre coeur" de alguns intolerantes.

Especialista em direito internacional privado, com nome feito no meio universitário europeu, viria a ser solicitado para assistir profissionalmente o grande Calouste Gulbenkian. E tão bem o assistiu que lhe foi oferecido um lugar na Administração da sua gloriosa Fundação. Depois braço direito do Doutor Azeredo Perdigão, substituí-o naturalmente na Presidência, quando dela se afastou.

Deixou-a há pouco nas mãos de um ex-aluno muito querido: o Dr. Sá Machado.

Entrementes, manteve-se fiel à sua paixão de sempre: o ensino universitário. E fiel se lhe mantém, já que não concebe a vida sem leccionar. Prodigiosa vitalidade! Sacrossanto amor esse ao acto sublime de transmitir saber!

Reitor Honorário da Universidade de Coimbra, após dela ter sido brilhante Reitor, no conturbado período pós revolucionário, é hoje tão emblemático dela como a "Velha Torre".

Que os astros o protejam! Que lhe acrescentem a vida e prolonguem o prodígio da sua inteligência.

António de Almeida Santos

Ao Professor Doutor Ferrer Correia⁽¹⁾

Meu Querido Professor Ferrer Correia,

Os seus antigos alunos consideraram que tinham o dever cívico de lhe prestarem uma grande homenagem nacional, no momento em que deixou a presidência da Fundação Calouste Gulbenkian.

As razões que os motivaram a essa iniciativa são tão óbvias que a adesão que suscitou está reflectida no ambiente que aqui estamos a viver.

Procurámos uma sala de grande nobreza e com capacidade suficiente para acolher os seus numerosos admiradores e amigos, mas cometemos um erro de previsão, porque não imaginámos que a dimensão deste magnífico salão onde nos encontramos ficasse muito aquém da que seria necessária para juntar todos quantos queriam prestar-lhe de viva voz a sua homenagem.

Meu querido Professor Ferrer Correia,

O Senhor ensinou-nos matérias de Direito nas quais é mestre inexecedível; as suas lições de Direito Comercial, das Sociedades Comerciais, do Direito Internacional Privado, a sua extensa obra jurídica, constituem doutrina que nos tem guiado ao longo das nossas vidas profissionais, na advocacia, nas magistraturas, na Universidade, na função pública ou na empresa privada.

A essa dívida que contraímos para consigo na Universidade, muitos de nós - é o meu caso - acrescentámos outra, que resulta da sua generosa disponibilidade para com os seus discípulos em os ajudar com o seu abalizado conselho nas dificuldades que a vida profissional nos tem suscitado; o meu testemunho, que tenho visto repetido com muitos outros colegas é este: sempre que precisei do seu sábio parecer, encontrei a porta do seu gabinete aberta e o seu telefone sem os entraves tão comuns em personalidades com uma vida tão intensa como a sua.

Senhor Professor Ferrer Correia,

Não foi apenas como jurista eminente que a Universidade de Coimbra

tem para consigo uma dívida que nunca poderá ser saldada. O Prof. Ferrer Correia foi reitor num momento particularmente difícil para a Universidade, abalada nos seus alicerces por convulsões e conflitos de vária ordem, na transição de um regime de tutela política para a autonomia há muito reivindicada por gerações de estudantes e professores inconformistas. O Professor Ferrer Correia, com a sua superior capacidade de diálogo e entendimento, pacificou e dignificou a sua Universidade e fê-lo com tanta mestria, que esta o distinguiu com o título de reitor honorário.

A Universidade de Coimbra deve-lhe também uma contribuição inestimável para a afirmação do seu nome e do seu prestígio muito para além das fronteiras da cidade e do País, quer pela projecção da sua obra doutrinária, quer pela sua acção nos domínios da Educação e da Cultura, enquanto destacado administrador da Fundação Calouste Gulbenkian.

Meu caro Professor Ferrer Correia,

Não apenas a Universidade, mas o País, ficam a dever-lhe a extraordinária acção que desenvolveu na presidência da Fundação Calouste Gulbenkian, que aliás suscitou a admiração de muitos que porventura subavaliaram a sua capacidade regeneradora, ao suceder a outra grande figura nacional ligada ao Direito, o Dr. Azeredo Perdigão, que tanto marcou o arranque e a afirmação da Fundação.

O Professor Ferrer Correia, com a sobriedade e a discrição que todos lhe conhecemos, empreendeu a reforma interna necessária da Fundação, abriu-a mais ao exterior, rejuvenesceu os seus quadros dirigentes e deixou uma marca forte e indelével ao promover o debate das grandes questões políticas, sociais e económicas que preocupam a humanidade neste final de milénio, com a participação de personalidades do maior relevo mundial, como é o caso do Sr. Jacques Delors, que aqui temos

connosco nesta homenagem ao Professor Ferrer Correia.

Meu Caro Professor Ferrer Correia

Estas são algumas das razões, ditas em poucos minutos, já que outras pessoas mais qualificadas saberão dizê-las com maior eloquência, que nos impulsionaram a esta iniciativa.

Mas deixei para o fim **a razão que considero mais significativa**; esta homenagem, sendo ao Mestre de Direito e ao Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian é, principalmente, **ao HOMEM** que vestiu essas roupas.

O Homem que foi e é **independente e vertical**, sem ser orgulhoso;

O Homem que passou o antigo regime, a revolução e a democracia, sempre aberto e tolerante, mas sem contorcionismos nem oportunismos, e **sem abdicação dos seus ideais humanistas**, pela liberdade, pelo Estado de Direito e pela Justiça; o **homem simples**, que junto do Poder, resistiu à sua tentação, que não se deixou seduzir pela Lisboa social, e nem sequer prescindiu da viagem semanal para Coimbra e para o Senhor da Serra, para junto da sua imprescindível companheira de toda a vida, a Dr^a Ângela Maria, e dos seus familiares, colegas e amigos de Coimbra.

O Homem generoso e comovido com as fraquezas humanas, mas que nunca perdeu o seu fino sentido de humor e o seu apurado gosto pela vida.

O Homem que, afirmando-se republicano, é afinal um Príncipe da sua época.

O Homem a quem um agnóstico, como eu, pede a Deus que lhe dê saúde e felicidade.

Daniel Proença de Carvalho

(1) - Na Homenagem nacional promovida pelos Colegas Artur Santos Silva, Daniel Proença de Carvalho e José Carlos de Vasconcelos e presidida pelo Senhor Presidente da República, no passado dia 9 de Março, no Hotel Ritz.

TOMADA DA BASTILHA

I - Colóquio sobre a Guitarra Portuguesa

No dia 21 de Novembro de 1998, em que se festejava no Casino Estoril mais uma "Tomada da Bastilha", teve lugar, da parte da tarde, num Auditório deste Casino, um colóquio sobre a Guitarra Portuguesa.

Convidado para "moderador" Carlos Couceiro, o mesmo veio a ser ladeado por Luís Goes, Gilberto Grácio e Luís Penedo.

De salientar, desde já, que, nas celebrações dessa noite da Tomada da Bastilha, iria ser homenageado Gilberto Grácio pelos seus 50 anos de artista como construtor de guitarras e outros instrumentos afins. Não será deslocado dar a esta homenagem um sentido abrangente onde venham a ser consideradas todas as três gerações Grácio, ali consubstanciadas pelo seu mais recente artista.

Ao abrir a sessão, o moderador referiu não ter podido furtar-se a tão honroso convite, ciente como estava por saber-se não ser a pessoa mais indicada para o desempenho de tão delicada "tarefa", mas que acabaram por tranquilizá-lo a qualidade dos elementos que vieram agregar-se-lhe.

Citou de seguida Bertrand Russell: *"Em arte, nada que seja digno de se fazer pode ser feito sem o génio; em Ciência, até mesmo uma capacidade modesta pode contribuir para uma realização suprema"*.

Na realidade, a evolução da guitarra portuguesa e a alta qualidade atingida só puderam fazer-se através de artistas de inigualável sensibilidade e entre eles seriam bem distinguidas as três gerações da Família Grácio.

Veio, na sequência da reunião, a ser citado Álvaro da Silveira, na sua contribuição para a evolução da chamada Guitarra de Lisboa.

Na evolução da Guitarra de Coimbra foi expressivamente realçada a participação do inesquecível guitarrista Artur Paredes na simbiose perfeita que veio a formar com o guitarrista João Pedro Grácio.

(Quase poderá afirmar-se que veio a dar-se um dos "saltos" mais expressivos na qualidade da Guitarra de Coimbra, ponto de partida para um generalizado aproveitamento na construção dos diversos tipos de Guitarra Portuguesa).

Embora não muito concorrido, o Colóquio pode considerar-se ter aprofundado aspectos especialmente específicos (técnico - artísticos) ligados à valorização da Guitarra Portuguesa.

Distinção cuidada e pormenorizada foi feita entre a Guitarra de Lisboa e a de Coimbra, bem como

menções específicas foram levadas à Guitarra do Porto.

A identificação dos diversos tipos de guitarra, fora de outras características bem mais expressivas, continua a apoiar-se na forma do terminal do braço: a de Lisboa terminada em "voluta"; a de Coimbra em "lágrima"; e a do Porto em "figura" (de animal ou de pessoa).

Foram durante a Sessão abordados aspectos de especial interesse, com uma participação expressivamente válida não só dos componentes da "mesa" como de elementos do Auditório.

Entre estas intervenções poderemos destacar as de Teotónio Xavier - com referências a Artur Paredes, Carlos Paredes e Joaquim Grácio -; a de Daniel Gouveia e de um estudante de Coimbra (o Pedro Lopes):

Não é fácil condensar uma comunicação deste tipo, a conter o pormenor dos assuntos tácticos, tantos e tão enriquecedores foram, já que muitas páginas seriam necessárias para transmitir com suficiente precisão o que ali foi abordado.

Felizmente a Sessão foi coberta, totalmente, por vídeo, e ali estão bem registadas subtilezas dos assuntos versados.

Julgamos, no entanto, ser de interesse fazer uma síntese dos aspectos mais expressivos. Assim:

- Aspectos diferenciais entre as Guitarras de Lisboa e de Coimbra: formato das caixas; comprimento de escalas; altura de afinações; espessura de cordas e outros;
- Vantagens ou desvantagens do envernizamento e valorização do som em função das camadas de verniz;
- Tipos de vernizes (goma-laca, outros) e de colas (grudes, colas brancas, etc.);
- Cavaletes: totalmente assentes no tampo, assentes em 2 ou 3 pontos (qualidade de som a poder ser, daí, retirado);
- Cavaletes maciços (marfim) ou cavaletes porosos (osso de vaca, outros) vantagens destes sobre aqueles na qualidade de som;
- Possível utilização de fibras de carbono nos trastes (G. Grácio referiu não prever que possa haver vantagem na sua utilização);
- Formas de dedilhação da Guitarra de Lisboa e de Coimbra;
- Procedência da guitarra (instrumentos que lhe serviram de referência);
- Completa independência actual da Guitarra Portuguesa com a sua especificidade própria;

- Outros... ..

Foi dada especial tónica à evidenciada qualidade de som que os guitarreiros portugueses, de inovação em inovação, têm conseguido retirar destes instrumentos e a procura a que hoje têm estado sujeitos por instrumentistas estrangeiros de reputada qualificação (japoneses, chineses, franceses e muitos outros...).

Mais poderia dizer-se; mas a quem o tema possa suscitar interesse o já referido vídeo pode satisfazer as curiosidades que se levantem.

Carlos Couceiro

II - Exposição "GRÁCIO" - Bilhete de Identidade -

Gilberto Grácio nasceu em Lisboa, no dia 12 de Maio de 1936.

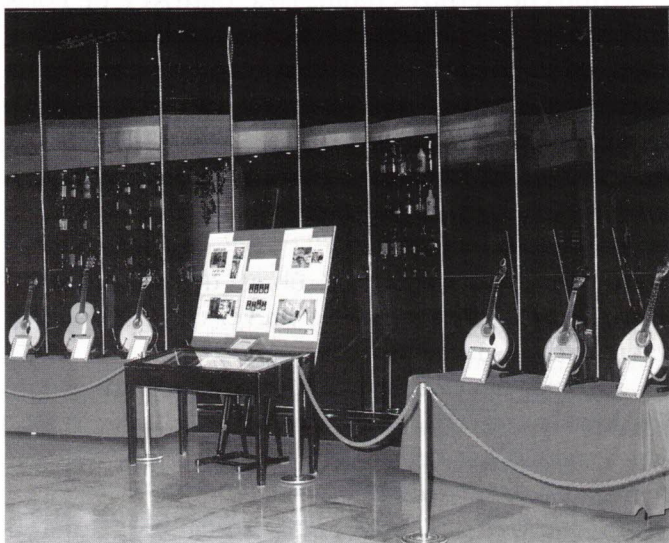
Após concluir o ensino primário, começou a ajudar seu Pai, João Pedro Grácio Junior, na reparação de instrumentos musicais, em meados de Setembro de 1948, com 12 anos de idade.

Aos 17 anos construiu integralmente o seu primeiro instrumento - uma viola, de excelente qualidade.

Com o desaparecimento de seu Pai e de seu Tio Joaquim, ficou sendo o último abencerregem desta família que à construção de instrumentos musicais de alta qualidade se dedicou ao longo de várias gerações.

Gilberto Grácio completou 50 anos de actividade em Setembro passado e, presentemente, dirige a Escola "Oficina Romani", em Algés, onde transmite os seus conhecimentos na arte de construir guitarras.

Francisco de Vasconcelos



Pequena mostra da exposição

III - Sarau

De novo, como sempre todos os anos, o aniversário da Tomada da Bastilha" foi comemorado no Casino Estoril .

Foi na noite de 21 de Novembro de 1998, festejando-se o 78º aniversário .

Às 19h00 já circulavam pelo Casino dezenas de Antigos Estudantes, muitos deles com as suas capas e as suas fitas, algumas com as cores já desmaiadas, contrastando com a vivacidade e a alegria dos seus donos, que bem as arejavam...

Assim, o "Coimbra de Honra" depressa se transformou no Reencontro, em muitos casos agendado há muitos anos atrás, mas sempre esperado e bem festejado com vibrantes abraços e exclamações de intenso júbilo !



Ferrer Correia ladeado pela Fátima Lencastre e Mª Antónia Dionísio

O Jantar, pretexto para confraternização, encheu por completo o amplo Salão do Casino .

Lá no alto, os jovens estudantes da Orquestra Típica e do Rancho da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra, com a sua irreverência e alegria transbordante, já "ilustravam" o que iria ser a noite . Queixavam-se eles que as garrafas de vinho que lhes tinham posto nas mesas estavam vazias... E provavam que assim era mostrando as garrafas sem o precioso néctar !!! Mas o mais curioso é que as garrafas, que os pressurosos empregados do Casino iam trazendo para as mesas, também estavam vazias !!! Mistério que ninguém conseguia esclarecer !!!

Às 22h00, terminado o Jantar, o Apresentador (por sinal o "modesto" signatário !) sobe ao palco e chama para lá a Direcção, o Presidente da Assembleia Geral e do Conselho Fiscal e o Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra .

Usou da palavra a Presidente da Direcção, Fátima Lencastre, que disse :

“Excelentíssimo Senhor Professor Doutor Ferrer Correia, Magníficos Reitores, Senhor Presidente da Assembleia Geral da Nossa Associação, Senhor Presidente do Conselho Fiscal, Colegas e Amigos de Coimbra:

Sejam Bem-vindos! E bem-bajam por terem respondido ao nosso desafio, confirmando, uma vez mais, que o “sim - estou presente” e o “não - não falto” andam sempre de mãos dadas, sejam quais forem e quantas as razões.

Que assim o disseram os Presidentes das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra, no Porto, em Braga, em Vale de Sousa, a Associação Académica de Coimbra e os seus maravilhosos jovens que, em quantidade e qualidade (que é muita, como irão ver), vieram confraternizar connosco neste momento, naquele espírito coimbrão entre o antigo e o actual estudante de Coimbra que a nossa Associação se orgulha muito de realçar neste passo.

E só pedimos que os Antigos Estudantes aqui presentes se façam Sócios Extraordinários da Associação Académica de Coimbra, correspondendo assim aos animosos jovens que tanto divulgaram esta iniciativa tomada em muito boa-hora.

Mas já todos sentiram, decerto, que a nossa Festa tem a abrilhantá-la um facto muito, muito especial e longe de mim que a monotonia das palavras para além do necessário venha deslustrar esse brilho. Refiro-me, em primeiro lugar, à honrosa presença de uma figura cimeira, ímpar, da nossa Academia, o Professor Doutor Ferrer Correia, a quem homenageamos hoje, cabendo ao Dr. Sá Machado, também ilustre coimbrão, o privilégio de apresentar os seus infindáveis atributos.

Mas permita-me, Senhor Professor, que, como aluna que fui sua, lhe preste o meu preito pessoal, depondo a seus pés as minhas Fitas.

Depois, a presença sempre pronta e cordial do novo Magnífico Reitor, Professor Doutor Fernando Rebelo, que pela primeira vez veio presidir a este nosso evento, na sua dupla qualidade de mais alta individualidade académica e Presidente Honorário da nossa Assembleia-Geral. Sem esquecer, claro, a benção protectora do nosso querido Presidente da Assembleia Geral, Dr. Almeida Santos, que continua lutando a nosso lado pela obtenção de uma Sede e da tão almejada “Real República do Antigo Estudante de Coimbra”.

É para nós de igual regozijo lançarmos aqui um público e justo aplauso à Família Grácio, tradicionais artesãos da guitarra, na pessoa do senhor Gilberto Grácio, que perfaz neste ano 50 anos da sua prestimosa actividade, cabendo ao Francisco

Vasconcelos as notas musicais e poéticas da sua apresentação.

Correndo embora o risco de falta por omissão, que espero seja relevada, queremos saudar também os representantes da nossa sempre amiga e companheira Casa da Académica em Lisboa, na pessoa do Dr. João Castilho; a RDP-Antena 1, através do também coimbrão, Edgar Canelas; o Presidente da Academia da Guitarra Portuguesa e do Fado, Eng. Luís Penedo; a Presidente e o Tesoureiro da Casa das Beiras, D. Maria Alice Alcobia, e Eng. Ferreira da Silva.

E agora os agradecimentos sem fim, porque não são circunstanciais, mas muito profundos, como só o Estudante de Coimbra sabe sentir e transmitir:

Em primeiro lugar, ao Casino Estoril, na pessoa do seu administrador Dr. Mário Assis Ferreira, pelo reiterar da sua disponibilidade e pelo delicioso champanhe com que sempre nos brinda; e ao eterno Joaquim Couto, seu Director Comercial e, acima de tudo, um coimbrão de gema, bem assessorado pela já querida Susaninha Roxo, que tem uma paciência infinita para estes “velhadas”(é que ela é muito jovem...).

Ao Banco Comercial Português, pelo patrocínio que nos concedeu na pessoa e pela mão do Eng. Jardim Gonçalves, também nosso associado.

Ao Mestre Couto Viana, reincidente no masoquismo de tentar imprimir arte aos pseudo-actores da peça que vão ver representar de aqui a pouco, da autoria do Gustavo Cerdeira.

À coreógrafa Elsa Alberty Clérigo, pelo esforço inaudito de pôr asas nos pés das bailarinas que vão dançar nessa mesma peça.

Ao Grupo “Serenata de Coimbra”, pelo coroar desta festa com a inevitável e insubstituível Serenata.

Aos nossos Sócios Cor. Anjos de Carvalho, Teotónio Xavier e Francisco de Vasconcelos, pela dedicação e engenho que puseram na feitura da Exposição que espero que todos tenham visto.

Ao Luiz Goes, o nosso querido e grande Luiz Goes, que presidiu ao Debate sobre a Guitarra, realizado nesta tarde, e ao Carlos Couceiro, que tão bem o moderou.

A todos aqueles que deram mesmo o que não podiam dar (com saliência para os nossos jovens) para o maior brilho e maior êxito desta Comemoração, a fim de ficar retida na memória de todos os presentes.

A todos a nossa gratidão e as mais entusiásticas Saudações Académicas!”

Seguiu-se o Aplauso à Família Grácio, famosa pela construção de guitarras e violas únicas no mundo e

responsável pela notável evolução da Guitarra de Coimbra, neste momento bem diversificada de outros tipos de Guitarras . O "Aplauso" esteve a cargo do Francisco Vasconcelos que, com uma irreverente e totalmente inesperada intervenção, surpreendeu todos os presentes que vibrantemente aplaudiram a Família Grácio, na pessoa de Gilberto Grácio, presente no Salão .

Procedeu-se depois à entrega pelo Magnífico Reitor do Prémio Anual da Associação à aluna finalista



A inédita homenagem que o Vasconcelos fez.

melhor classificada da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, a Dr^a Graça Araújo Fonseca

Chegou, então, o momento alto da noite : a homenagem dos Antigos Estudantes de Coimbra e das suas Associações ao insigne Mestre e grande Académico, Reitor Honorário da Universidade de Coimbra, o Professor Doutor Ferrer Correia .

Subiu ao palco o querido Mestre e o Dr. Victor Sá Machado, actual Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, a quem coube proferir a Oração de Sapiência, homenageando o Homem, o Académico, o Professor e o Reitor, orgulho da Universidade e da Academia de Coimbra . Disse o Dr Sá Machado :

"Caros Colegas, Minhas Senhoras e Meus Senhores

1 - Quero, em primeiro lugar, agradecer à Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra a honra que me dá de poder participar, esta noite, na homenagem que presta ao Professor Doutor Ferrer Correia.

Mestre entre os Mestres de Coimbra, Professor, Investigador e Cientista, Reitor da Universidade, Ferrer Correia particularmente merece esta homenagem, que é o tributo que antigos estudantes querem prestar a um dos seus: tributo de consideração e de apreço não só a quem tão altamente se

distinguiu, na cidade e no mundo, como profissional de raros talentos; mas também e desde logo a um dos seus, enquanto tal, como estudante que nos anos já recuados da juventude, tanto contribuiu para enobrecer o seu estatuto, como aluno excepcional, cujas classificações passaram a definir um critério de excelência e de exigência que gerações sucessivas de estudantes da Faculdade de Direito não deixaram de considerar, de certo e melancolicamente, como excessivo e inatingível. Mas não apenas por isso: igualmente pela dimensão cívica, política e democrática que em anos difíceis soube emprestar, naturalmente, a tal estatuto, quando se tornou Presidente da Associação Académica, eleito e reeleito, ao mesmo tempo que participava em outros organismos da Academia.

Professor e investigador do Direito, cedo se tornou uma referência nacional e internacional: cultor distintíssimo dos vários ramos do direito civil, do direito comercial e do direito internacional privado, domínio em que obteve crédito internacional sem paralelo no nosso País, Ferrer Correia soma a essa actividade principal a sua acção como jurisconsulto e advogado, trazendo para o campo do combate concreto o seu formidável talento.

É este aspecto da sua actividade que lhe abre a oportunidade para intervir na questão jurídica suscitada pela tentativa de invalidação do testamento que instituía a Fundação Gulbenkian, tentativa gorada mercê justamente da brilhante defesa dos interesses portugueses conduzida pelo jurista de Coimbra. E que lhe abriu as portas da Fundação onde, como Administrador, colega e amigo do seu primeiro Presidente, contribui de maneira decisiva para o travejamento teórico e programático da grande Fundação, onde, com o brilho raro que é seu apanágio próprio, orientou serviços e departamentos de funda ressonância cultural como Bolsas de Estudo, Bibliotecas e Educação. Ficamos a dever-lhe a programação lúcida e rigorosa destes vários departamentos, que continua a administrar já na qualidade de Presidente.

E é como Presidente - a que chega por eleição por voto secreto, prática que exigiu para si e passou a constituir regra, - que a sua acção alcançou especial importância: quando assume a responsabilidade máxima pela administração da Fundação, fá-lo num clima de particular instabilidade. Perturbada por ambições e lutas pessoais de difícil compreensão e explicação, com um corpo de empregados que não podia deixar de reflectir as tur-

bulências do topo, acossada por uma imprensa nem sempre isenta e quase sempre pouco informada, a Ferrer Correia deparou-se um barco de difícil governo: que todavia enfrentou com a tranquila firmeza com que, em circunstâncias paralelas, aceitou ser Reitor de Coimbra; aqui como ali, operando com a sabedoria temperada de lbaneza e generosidade que o caracterizam, conseguiu rapidamente o que se considerava improvável: pacificar a instituição, recuperar a sua imagem externa, desencorajar a destabilização, reafectar ao trabalho as energias soltas.

Como já fizera em Coimbra, onde reivindicou com sucesso a criação de órgãos de consulta para a Universidade, e por força da mesma visão democrática de que não é possível governar sem a participação ampla daqueles para quem se governa e também da percepção aguda de que as organizações sociais complexas só cumprem com eficácia a sua função quando respiram os valores da sociedade de que emergem e com ela interagem, criou o Conselho Geral da Fundação desse modo completando o edifício necessário, e possível à luz dos estatutos, com vista a dotar a Fundação de uma ligação vital com o mundo exterior, ao qual deve prestar contas e do qual deve, sobretudo, receber inspiração e inquietude.

Como para a Universidade, também para a Fundação propôs a atitude de disponibilidade dialogante com o mundo em volta, vencendo a sobranceria e o ensimesmamento que são comuns às pessoas e às organizações que perderam o élan de um espírito aberto e confiante.

A sua presidência ficará ainda assinalada pela



As palavras do Dr. Sá Machado.

instituição dos seminários internacionais que constituem já hoje imagem de marca da Fundação: esses seminários, que trouxeram a Lisboa nos últimos anos, para discutir questões do mais alto interesse para o país e para o mundo, alguns dos representantes mais qualificados do pensamento contemporâneo, deram expressão ao propósito de fazer da Fundação um grande forum de discussão dos temas que avultam já no horizonte e que vão moldar o nosso destino no próximo século: interessam aos portugueses e aos europeus, de modo particular, mas também e nessa medida, ao mundo em geral. A imagem que projectam da Fundação é a de uma instituição racionalizadora, onde os problemas do tempo são equacionados e pensados e constituem, por isso, nesse plano da representação simbólica, um progresso assinalável no caminho da maior modernidade da instituição e da sua paridade com as grandes Fundações mundiais.

2 - Não desejo porém repetir o elogio do Professor Ferrer Correia, nem como professor, cientista ou gestor eminente: outros o fizeram já e vão continuar a fazê-lo, seguramente melhor do que eu. Vou tentar por isso - porque me dá maior prazer e pode alcançar nesta circunstância maior significado - encontrar uma explicação para o perene fascínio que a personalidade do Mestre tem exercido ao longo dos anos sobre os que tiveram o privilégio de ser seus discípulos: esse fascínio tem de certo que ver com a sua inteligência excepcional, o seu saber, a sua capacidade para interessar e motivar os alunos e tornar-lhe fácil e simples o que é complexo e difícil: mas não apenas com isso. Penso na verdade que Ferrer Correia representa, porventura melhor que nenhum outro na sua geração, esse espírito de Coimbra que é afinal o que aqui nos congrega. O espírito que habita a nossa cidade, que anima a velha urbe que cresceu à sombra tutelar da Universidade, alma mater que se ergue, grácil e pura, e que sobre todos estende, como mãe amantíssima, o encanto que define uma cidadania do espírito, acima dos acasos da naturalidade, da cor ou da condição ou classe. O espírito de Coimbra, que evoco comovidamente, para situar, na geografia do espaço e do tempo, esse lugar mágico cuja realidade é, do mesmo passo, essência e suporte de uma fraternidade aberta e transparente, feita de amizade sem cálculo, de solidariedade sem partido, de humor sem malícia, de camaradagem sem exclusão. Lugar mágico, cidade dos vinte

anos ou ilha de mansidão, mas sobretudo lugar de encontro e descoberta que se ama sem medida e que muitas vezes se deixa com palavras amargas, em nome da lucidez que, magnânima, distribui contra si própria, mas que no fundo apenas mascaram a dor da partida, e de uma perdida pureza, trocada pela tentação tumultuária do mundo, para onde se parte com uma pretensa couraça de cinismo e ironia apenas para regressar, ainda que só metaforicamente, de coração cansado, como quem volta a casa.

É deste espírito e desta fraternidade, cuja realidade não pode escamotear-se, sobretudo aqui e hoje, e que lucilam em todos os lugares onde viva um antigo estudante de Coimbra, em Portugal ou no Brasil, na África ou nas Américas, é desse espírito e dessa fraternidade que Ferrer Correia é expoente, não certamente como protagonista exuberante, que tanto lho não consente a reserva do seu temperamento (ou, como escreve Orlando de Carvalho, uma própria delicadeza, naturalmente contrária a ostentações e truculências) mas como promotor e praticante de um estilo de relacionamento e convivência que ilustra de maneira visível essa maneira coimbrã de estar no mundo, profundamente civilizada, de onde fluem naturalmente, sem pacto prévio ou negócio de contrapartidas, respeito e amizade, compreensão e solidariedade,

apoio e entreaajuda.

Victor de Sá Machado”

Na sua resposta, o querido Mestre fez o elogio pessoal e profissional do Dr. Sá Machado e agradeceu às Associações e aos presentes a Homenagem, dizendo :

“Senhora Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa,

Peço-lhe licença, minha Senhora, para começar por agradecer as generosas palavras que o Doutor Sá Machado teve a grande bondade de me dirigir; que profundamente me sensibilizaram. Meu caro Sá Machado, querido Amigo: as palavras que disse - cujo exagero é manifesto - foram ditadas pelo afecto que nos une há muitos anos. O Victor de Sá Machado foi um dos meus distintos alunos em Coimbra. Recordo que tendo já sido contemplado com elevada classificação no 5º ano, elaborou depois uma dissertação na área do Direito Comercial, com a qual se apresentou ao exame de pós-graduação, que então era chamado simplesmente 6º ano, e que me coube apreciar. A defesa da tese deu azo, pela eloquência e pela inteligência, a uma das mais brilhantes provas orais a que me foi dado assistir e avaliar durante a minha longa vida de professor:



O brilho do Homenageado

O Doutor Sá Machado tinha todos os títulos para enveredar pela carreira docente, se o quisesse fazer. Todavia, viu-se impedido de a seguir por motivos políticos. Assim corriam as coisas naquele tempo. Para outros destinos estaria ele fadado. Estava escrito que ao deixar a Universidade continuaria a meu lado, para me ajudar com o seu talento excepcional. E assim aconteceu na verdade. Logo em 1960, entrava Sá Machado por minha mão na Fundação Calouste Gulbenkian, que foi a sua opção de vida e onde, graças ao seu espírito brilhante, não poderia deixar de imprimir marca indelével.

Depois de uma breve passagem pelo Serviço de Educação, em que colaborou estreitamente comigo, o Presidente Azeredo Perdigão leva-o para seu Adjunto e aí começa a brilhante carreira de Sá Machado dentro da Fundação. Nomeado Director do Serviço então intitulado "do Ultramar", nele desenvolve acção de excepcional relevo. Depois, no final de 1969, é cooptado para o Conselho de Administração. Homem de ideais, empenha-se também com ardor na defesa dos valores culturais e políticos do seu País. Por tudo isto digo que em Sá Machado admiro tanto a sua invulgar capacidade intelectual como a qualidade humana de que é dotado: o homem da "inteligentsia" e o cidadão.

A sua carreira na Fundação Gulbenkian foi agora coroada com a designação para o mais alto cargo na Instituição: o de Presidente, cargo no qual me sucede e que, estou certo disso, vai exercer com grande competência e brilho. Desde já lhe desejo as maiores felicidades.

Meus queridos Amigos da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, a quem devo esta tocante iniciativa,

Companheiros, Contemporâneos e Discípulos da nossa Universidade: para todos vós o meu apertado abraço de agradecimento por me proporcionarem estes momentos inesquecíveis de tão afectuosa confraternização.

Nada me poderia ser mais grato do que estar aqui convosco: porque aqui está Coimbra, aqui está a velha Academia. Todos andámos em Coimbra, todos envergámos a capa e batina e creio que todos conservamos desse tempo vívidas recordações. É o velho espírito académico, a velha mística coimbrã que nos irmana e que hoje aqui nos congrega: a tantos anos de distância, ela permanece bem viva nos nossos corações. Ela é fonte

inspiradora dos belos cantares de Coimbra e dos seus inesquecíveis intérpretes. É sempre com emoção que todos nós ouvimos os fados e baladas de Coimbra nas vozes dos seus cantores e nos acordes das suas guitarras. Daqui saúdo esses artistas e em especial aqueles que, sendo antigos estudantes, não obstante o desempenho de altas responsabilidades profissionais, não deixam de continuar a viver com paixão a magia coimbrã.

Quero evocar aqui, com profunda saudade, a memória dos meus condiscípulos e amigos da Universidade já desaparecidos. Dentre eles destaco o meu querido companheiro de estudo Cristiano de Seabra Magalhães, para mim um dos espíritos mais brilhantes com que me foi dado conviver. Quero também lembrar os meus Mestres da Faculdade de Direito, sobretudo aqueles que mais influenciaram a formação do meu espírito: Manuel de Andrade, Cabral de Moncada, Adriano Vaz Serra e Beleza dos Santos. A todos presto a minha comovida homenagem.

Como sabeis, fui um estudante na plena acepção da palavra: integrei-me na vida académica, fui Presidente eleito por dois mandatos consecutivos da Associação Académica e membro activo do Orfeon.

Como orfeonista, integrei o grupo em numerosos concertos e devo dizer que não era dos menos empenhados coralistas. Disso guardo uma indelével recordação. Quando me inscrevi no Orfeon, o regente era o Padre Doutor Elias de Aguiar, músico distinto e amigo de todos os orfeonistas, que aqui lembro com saudade. Sucedeu-lhe Manuel Raposo Marques, que decerto muitos dos presentes ainda recordam, com o peito constelado de medalhas, e aquele jeito tão característico e espectacular de deixar cair a capa no início de cada número do programa.

Falei da minha Faculdade, a de Direito, e dos mestres que lá tive, entre os quais alguns dos mais insignes juristas que já houve em Portugal. Mas nesta confraternização todas as Faculdades estão representadas - e é justo e oportuno fazer agora uma referência ao organismo que a todas resume: a velha Universidade de Coimbra. Ela é sem dúvida uma das nossas instituições culturais e científicas mais prestigiosas. Dela partiram muitas das personalidades que mais marcaram, ao longo da História, a vida política e cultural do nosso País e que ergueram bem alto o nome de Portugal, dentro

e além fronteiras. Não cito nomes, para não pecar por omissão. É com orgulho que lembro o facto de a ela ter estado ligado durante o espaço de quase uma vida. Com efeito, nela ensinei durante mais de 40 anos - e quando, atingido o termo da carreira pública, tiveram a generosidade de me atribuir o título de Reitor Honorário da Universidade, considere este facto como a distinção máxima que jamais me fora concedida.

Glória à velha Universidade coimbrã! Amigos: bem hajam!

A. Ferrer Correia”

O nosso Presidente da Assembleia Geral, Dr. Almeida Santos, ofereceu ao Homenageado um belo estojo com medalhas da Academia de Coimbra, entre as quais uma da nossa Associação.



Uma recordação.

Seguiu-se o Show do Casino, “Variações António”, que, sendo bom, nos pareceu, e a muitos dos presentes, francamente inferior aos dos últimos anos .

Começou então o “SHOW NOSSO”

A Solicitação do Apresentador, desceram das mesas do alto os componentes da ORQUESTRA TÍPICA E DO RANCHO da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra .

Com uma alegria e vivacidade impressionantes, deliciaram os presentes com os seus passes e o seu virtuosismo, culminando com um número em que foram buscar assistentes, que não se fizeram rogados, colaborando com os mais jovens nos passes e rodopios...

No final foram muito aplaudidos por todos os presentes, visivelmente agradados pela prestação dos jovens estudantes, uma presença imprescindível nesta comemoração .

Seguiu-se a apresentação da peça ALÔ, COIMBRA , da autoria do Gustavo Cerdeira, com coreografia de Elsa Alberti e encenação do Mestre e Poeta António Manuel Couto Viana .

Foram momentos de franca alegria, às vezes de intensa hilariedade, em que se viveu Coimbra em algumas das suas faces mais marcantes, com uma actuação notável dos mais jovens da nossa Associação, que deram réplica à revelação do ano passado : a Fátima Lencastre ! Uma palavra de grande simpatia para a pequenita Inês Ribeiro, que recolheu alguns dos mais significativos aplausos .

Mais uma vez, está de parabéns o Gustavo Cerdeira, que vive Coimbra por dentro e que sabe exprimi-la com alegria, emoção e sentimento, para delícia de todos os que por lá passaram e que, constantemente, se revêem nos seus textos, como o provaram os presentes com o grande aplauso que no final lhe dedicaram .

Por fim a Serenata .

Este ano a cargo do “Grupo Serenata de Coimbra”, constituído por Francisco de Vasconcelos, Alexandre Bateiras (Guitarras), João Gomes, Jorge Tito (Violas), Barros Ferreira, “Tito” Costa Santos, José Henrique Dias e Alcindo Costa . Cantaram ainda os consagrados Augusto Camacho, Luís Goes, António Almeida Santos e Napoleão Amorim.

No final a Balada da Despedida foi cantada por um Côro magnífico, constituído por todos os interveientes no “Show Nosso”, os Presidentes de todas as Associações de Antigos Estudantes presentes, outros cultores do Fado de Coimbra também presentes, o Presidente da AAC, o Presidente da Secção de Fado da AAC e actuais Estudantes de Coimbra presentes, terminando com o tradicional “efe, erre á”.

Passavam alguns minutos das 2 horas da madrugada ! Mas ninguém arredara pé !

“Tito” Costa Santos

NOTA: As fotografias foram amavelmente cedidas pela Fundação Calouste Gulbenkian, pois não pudemos dispôr de outras tiradas pela assistência...

Os nossos agradecimentos à Fundação.

Os Nossos Poetas

FÉNIX RENASCIDA*

O Céu não está de chumbo, nem de prata
Nem de ébano a noite, ou de marfim.
Saudade é esta ausência que não mata
A distância a que tudo está de mim!

Estar longe, longe, longe, como eu estou
Sem haver infinito que me farte
É viver um futuro que passou
E estar ao mesmo tempo em toda a parte!

Nascer de novo em cada movimento
Sorrir em cada flor que despontasse
Ou ser o derradeiro pensamento
No cérebro de alguém que se matasse!

Ser tudo, não ser nada, que me importa!
Um pouco de ninguém, de toda a gente
Ou a Fénix que só depois de morta
Renasce, vive e morre novamente!

Francisco de Vasconcelos

HINO A COIMBRA*

Coimbra, moça e menina
Tem este raro condão
De se fazer pequenina
P'ra caber num coração

E ao mesmo tempo é tão grande,
Tantas as suas sementes
Que a sua seara abrange
Outros mares e outras gentes.

Com as saudades crescendo
Entre o partir e o voltar
Coimbra ficou-nos sendo
As margens todas do mar.

A saudade não se esconde
Do coração de ninguém
Uns de perto, outros de longe,
Somos Coimbra que vem.

AB IMO CORDE

Francisco de Vasconcelos

UM OLHAR PARA COIMBRA - Momento

Para quem andou em Coimbra à procura de sua própria sombra e não a encontrou...

Tu estás aí, bela como sempre.
Meus olhos deslumbrados
beijam-te longamente
em êxtase de amor
O sol poente acende mil centelhas coruscantes
nos mil vidros do teu sacro palácio do saber.
Glicínias e laranjais incensam-te,
em torno de luz,
mais deusa que Minerva!

Que desfile nos meus olhos...
de lágrimas...
Ai Coimbra, que é dela a minha alma
que há tanto foi em ti menina e moça!

Tu estás aí, perante o meu olhar vazio...
Eu é que aqui não estou, nem nunca mais estarei.

Maria Olga Afonso dos Reis

* Poesias lidas por Murta Rebelo no VII Aniversário da A.A.E.C.L., em 20 de Março.

DIA 20 DE MARÇO VII Aniversário da Associação

Neste ano, quatro acontecimentos agigantaram o entusiasmo e alegria que têm caracterizado esta celebração. Na verdade, os 118 convivas, depois de um almoço *buffet* de luxo no restaurante da (antiga) FIL, puderam num dos Auditórios do Centro de Congressos:

- Cantar os parabéns aos aniversariantes do mês de Março presentes (e aos não presentes também...)
- Assistir à magistral conferência proferida pelo Dr. Vítor Constâncio sobre *“Portugal e a União Monetária Europeia”*, constando das páginas deste Boletim a visão que o nosso jovem Tesoureiro, António Ribeiro, teve do tema explanado e o debate que se lhe seguiu.

- Testemunhar a Tomada de Posse da nova Vogal da Direcção Isabel Alexandre, dada pelo Presidente da Assembleia Geral, Dr. Almeida Santos (também presente).
- Apreciar uma mostra da conhecida obra do Colega Mário Silva, nosso convidado e “elemento-surpresa do dia”, tendo tido a oportunidade de enriquecer o seu património com obras deste consagrado pintor, em condições especiais.
- O Mário Silva ofertou uma das suas belas serigrafias à Dr^a Maria José Constâncio, que manifestou o seu agrado em partilhar connosco estes momentos de solidariedade.
- Acompanhar o Murta Rebelo numa Saudação que fez ao nosso Colega Francisco de Vasconcelos (que não pode participar neste evento, como era seu desejo, por razões de saúde), lendo dois poemas da autoria do Francisco, registados também neste Boletim, entre “Os Nossos Poetas”.
- Aplaudir mais uma Serenata pelo “Grupo Porta Férrea”, que encerrou a Comemoração.



As “Presidências” com o casal Constâncio.



Aniversariantes de Março.



A Conferência.



O Presidente da Assembleia Geral agradece.

A CONFERÊNCIA DO DR. VÍCTOR CONSTÂNCIO

“Portugal e a União Monetária Europeia”

proferida no VII Aniversário da A.A.E.C.L.

vista por António Ribeiro

Integrado nas comemorações de mais um aniversário da nossa Associação, teve lugar uma conferência sobre o tema candente da moeda única europeia e das suas implicações para o desenvolvimento de Portugal. O interesse do tema, pela sua manifesta oportunidade, e o brilhantismo do orador convidado, o Dr. Victor Constâncio, constituíram receita notável para mais um evento que mobilizou o interesse e entusiasmo dos nossos associados.

Atendendo à importância de que se revestiu tal iniciativa, cumpre-nos aqui sumariar algumas das conclusões mais relevantes da conferência em análise.

O Dr. Victor Constâncio começaria por enquadrar historicamente o caminho percorrido até se atingirem os necessários consensos para a criação de uma moeda única europeia, que tem como membros fundadores 11 Países da União Europeia, entre os quais se inclui Portugal. Dos 15 Países da União ficaram de fora o Reino Unido, a Dinamarca, a Suécia e a Grécia, sendo que os dois primeiros o fizeram por opção política, e os dois últimos por não cumprirem os critérios de convergência estabelecidos.

Estes critérios foram definidos pelos 15, através da assinatura do pacto de estabilidade e crescimento, em Junho de 1997 (Tratado de Amsterdão). O Pacto assenta em dois aspectos essenciais: um sistema preventivo para identificar e corrigir as derrapagens orçamentais antes de se chegar ao limite máximo de 3% do PIB previsto no Tratado, e um conjunto de normas de dissuasão para pressionar os Estados-membros a evitarem os défices excessivos e adoptarem as medidas necessárias para os corrigir rapidamente se vierem a ocorrer. Os Estados-membros participantes na zona do euro também se compromete-

ram a adoptar, a nível nacional, o objectivo a médio prazo de conseguir um orçamento em equilíbrio ou excedentário.

O orador passaria, numa fase mais avançada da conferência, à identificação das principais vantagens da moeda única para os 11 e, em particular, para Portugal:

Redução das taxas de juro, dispondo Portugal, neste momento, da mesma taxa de juro da Alemanha. Este facto tem implicações directas na qualidade da vida dos portugueses, traduzido na redução muito substancial das taxas de juro do crédito à habitação e ao consumo, no que se refere aos agentes particulares, e na redução das taxas de juro às empresas nacionais, permitindo relançar o investimento necessário ao nosso desenvolvimento e progresso, criando condições de maior competitividade à economia portuguesa;

Redução dos custos de transação entre as economias dos 11, com a abolição dos custos cambiais, proporcionando maior eficiência e competitividade;

Afirmação da União Europeia como um espaço económico de 350 milhões de consumidores, que possa rivalizar com os 2 outros blocos beligerantes mundiais, os EUA e o Japão.

Por último, o Dr. Victor Constâncio referiria que a entrada para o núcleo de Países fundadores da moeda única é a opção mais correcta para Portugal no quadro actual globalizado das economias europeia e mundial. Esta opção, para além das vantagens enunciadas, comporta, todavia, dificuldades e outros tantos desafios que importa ultrapassar. Com efeito, a moeda única obrigará Portugal a uma maior disciplina nas suas contas públicas, o que é positivo, a uma constante moderação salarial e a um grande investimento na formação e qualificação dos por-

tugueses, de modo a poderem competir no seio da União. Este último ponto acabaria por ser identificado como a principal fraqueza de Portugal, sendo imperioso investir de forma determinada e racional no ensino e formação dos portugueses, que manifestam um grande atraso relativamente aos restantes membros da União.

O aceso debate que se seguiria à palestra veio enriquecer, ainda mais, a brilhante conferência proferida pelo Dr. Victor Constâncio. Das diferentes dúvidas e angústias manifestadas pelos presentes, merece destaque a eventual perda de soberania de Portugal, no momento em que o Governo português deixa de ser soberano em termos de política monetária, tendo que a partilhar com os restantes 10 membros fundadores da moeda única.

A este propósito, o Dr. Victor Constâncio referiria que, em bom rigor, se Portugal se mantivesse fora da moeda única teria ainda menos Soberania monetária. Com efeito, antes da consagração da moeda única, qualquer alteração nas taxas de câmbio e de juros da Alemanha já obrigava a que os restantes membros, imediatamente, tivessem que corrigir as suas taxas. Neste contexto, o único País da União que tinha soberania monetária era a Alemanha, que neste momento se vê forçada a partilhá-la com os restantes Estados membros.

A conferência e o respectivo debate haveriam de terminar no meio de um ambiente de manifesto interesse e ávida curiosidade, que os mais optimistas organizadores não esperariam, saldando-se esta iniciativa num dos eventos mais ricos e merecedores de registo vividos nos últimos tempos no seio da nossa Associação.

A Velha Alta de Coimbra... Desaparecida

Síntese da Conferência proferida no Hotel "Penta", em 17 de Abril

por Branquinho de Carvalho

A partir de um postal ilustrado antigo, do Largo da Feira, que minha gémea me levou da Feira da Ladra, passei a colecionar "imagens" de Coimbra que me possibilitaram obter diapositivos "antigos" que, colocados ao lado de outros obtidos nos mesmos locais, permitem mostrar COIMBRA, ontem e hoje!

Um dia, uma colega recém-licenciada ficou muito admirada ao ver fotografias da Velha Alta, pois pensava que a nossa cidade universitária fora construída num local ermo! Após seis anos de Coimbra, ninguém lhe falara no acto de malvadez que o Estado Novo perpetrou contra Coimbra e suas gentes, incluindo gerações e gerações de estudantes.

Algumas vezes temos ouvido dizer a antigos estudantes de Coimbra que palmilharam aquelas travessas, ruas e largos, viveram aquelas casas, a sua Académica e os seus fados, frequentaram as leitarias e as tascas, comeram o pão quente nas padarias, dançaram nas várias fogueiras: eu nunca mais voltei à Alta!

Essa tristeza e revolta são o resultado de lhe haverem "apagado" os símbolos da sua juventude passada em Coimbra.

"A Velha Alta ... desaparecida.

Álbum Comemorativo das Bodas de Prata da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra - é uma obra ímpar que mostra o processo de destruição e por isso o reproduzi em diapositivos, que com outros, de fotografias e postais, me permitem dar a (re)conhecer a Alta de Coimbra, rua por rua.

Numa reunião do meu curso conheci o Dr. Carlos Carranca, que reencontrei no Choupal, numa actividade do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC) a declamar a sua "Serenata Nuclear" e a meu convite, para valorizar a minha participação na Semana da Mostra Cultural (iniciativa da Reitoria . 1 a 7 de Março de 1999). Foram os "passos" que me trouxeram a Lisboa, mercê do honroso convite da Dr.ª Maria de Fátima Lencastre, ilustre e dinâmica Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa. E que surpresa enorme me esperava na Capital!

A alma coimbrã fez reunir à minha volta quase uma centena de "estudantes" que me escutaram com a maior atenção!

Que gosto eu tive de mostrar a Velha Alta, a rua onde moraram, a esquina onde cavaquearam, a janela do namoro, os locais das "partidas" aos e dos colegas! A

todos lembrei, certamente, os melhores anos da sua juventude!



O fabuloso Largo da Feira, Edifício do Colégio dos Loios e Rua dos Loios.

Aquele Largo da Feira da "queima do grelo", fabuloso com as suas sete ruas de acesso, que há 50 anos foi transformado num largo "sem saída", nas traseiras do enorme e feio edifício da Faculdade de Medicina.

Um dos responsáveis, o Reitor de então, por colaboracionismo ou apenas inércia, atreveu-se a dizer que o actual é "bem mais regular e a sua área resultou maior"! Mas os largos também não se medem aos palmos ...

Onde estão a Fonte dos Bicos, a Calçada do Marco da Feira, o impressionante Colégio dos Loios e a rua do mesmo nome, a Rua do Rego de Água, a Escola Primária onde tantas gerações de "salatinas" aprenderam, a Rua das Colchas, as Travessas do Arco do Bispo e do Museu e a Rua dos Penedos?

E que dizer da população?

Forçada a deixar a sua Alta, dispersa por bairros (ditos) sociais, ou por iniciativa própria alugando casas noutros locais, perdeu

a "soterrada nos escombros da inesquecível Alta, essa grande virtude que constituía o orgulho dos Salatinas - a Solidariedade".

É interessante verificar que passados 50 anos estas pessoas ainda falam das vizinhas, referindo, não onde moram hoje, mas as ruas onde moravam ... na Alta!

A Alta, os antigos estudantes de



A conferência em audio-visual.

Coimbra, os Salatinas e Coimbra não mereciam aquele acto de vandalismo inexplicável.

Os argumentos, às vezes invocados, seja de construir uma cidade universitária junto da Velha Torre, seja de destruir casas sem condições de habitabilidade, não passam de desculpas incoerentes.

Por um lado, a evolução dos cursos e da massa estudantil levou a que já haja três pólos, sem esquecer a Faculdade de Economia nos Olivais e o Instituto Politécnico de Coimbra que engloba quatro Escolas dispersas pelos arredores da cidade! Efectivamente, as condições higiénicas em algumas zonas, só em algumas, não seriam famosas, mas ninguém pensa em demolir a Baixa de Coimbra ... a Mouraria ou a Alfama e, ainda, é preciso não esquecer que, conhecida a "sentença capital", ninguém mais, logicamente, fez obras de restauro.

Os tempos (políticos) eram difíceis e à população não era reconhecido o direito à contestação ... mando, posso e quero!

É que a "limpeza" ultrapassou de longe as casas "da porcaria e mau cheiro" e estendeu-se a coisas muito belas - Alameda de Camões com o seu monumento, o já citado Largo da Feira, o Instituto de Antropologia



O cortejo do "Enterro do Grau" (1905), à saída do Largo da Porta Férrea.



O Largo da Porta Férrea e a Alameda de Camões com o seu monumento. (antigo Colégio dos Paulistas), o Largo do Castelo com a Leitaria e a Farmácia e o interessante Arco do Castelo para passar do Colégio de S. Jerónimo (Hospital) para o Hospital dos Lázaros.

Que a lição sirva para que no futuro não tenhamos de maldizer o falso progresso.

O Dr. Carlos Carranca foi ilustrando com leituras alusivas à Alta e acompanhou-me desde Coimbra a poetisa e finalista de Medicina, Kátia Andrade Simões, que disse o seu belo poema "Coimbra secular":

*Passeio-me
Por estas calçadas já gastas*

*Ruas antigas
De Coimbra secular*

*E vou adivinhando outra gente
Anónima como eu*

*Que por aqui também andou ...
E é nesta memória pressentida*

*De um tempo que foi antes
E antes de mim que eu percebo*

*A vida como uma linha
Contínua de gente*

*Que se sucede
Numa afirmação de
eternidade.*

E no fim uma inolvidável serenata de Coimbra por elementos amadoríssimos da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e um conjunto de Cabo Verde com "mornas" e "coladeiras"

Um dia para não mais esquecer.

Branquinho de Carvalho

Coimbra nas Tardes de Telefonia - RDP 1

Continuamos a promover a divulgação de Coimbra e da sua cultura através de um canal de eleição. Assim:

- O 4º Programa (12-11-1998), dedicado ao nosso novo Magnífico Reitor, Professor Doutor Fernando Rebelo, que pela primeira vez se dirigiu uma Mensagem ao Antigo Estudante, reconhecendo-o publicamente como um parceiro da Universidade que rege; e ao anúncio da "Tomada da Bastilha".

A Associação do Porto deu o seu testemunho, pela voz do seu Presidente, Diogo Fernandes.

O Francisco de Vasconcelos falou da intervenção do Grupo "Serenata de Coimbra" na Tomada da Bastilha e do aplauso que nela se iria dar à Família Grácio, secular artífice da guitarra.

Dias mais tarde, o Francisco e o Tito Costa Santos voltaram aos microfones para falarem do lançamento e conteúdo do disco "De Coimbra ... para o Mundo".

- O 5º Programa (9-3-1999) foi tão candente quanto a estrela que o iluminou: o consagrado pintor e desenhador Mário Silva, que acolheu a nossa sugestão de aproveitar este meio para divulgar a sua Exposição "Retrospectiva 40 anos de Pintura".

- O 6º Programa (12-4-1999) sobre "A Velha Alta de Coimbra - Desaparecida", da autoria do Dr. Branquinho de Carvalho, dirigente do Gabinete de Arte e Arqueologia de Coimbra e com o Carlos Carranca a dizer textos e poesias relacionados com o tema.

O Presidente da Associação de Braga, Cruz Martins, deu também o seu testemunho, contribuindo para a concretização do "intercâmbio radiofónico" com as Associações homólogas a que demos início, em boa-hora.

A Voz da Filantrópica

1 Abertura

*Desponta já no Horizonte
a luz mais brilhante do Mundo
Luz que nasceu do sentimento mais profundo
da Humanidade
que existe
de verdade
nesta Filantrópica que, sem parra,
se pode dizer que nasceu
de e para o Amor.*

Ângelo de Araújo

2 In memoriam

Deixaram-nos...

- ... ainda em 1998, os nossos Colegas:
- Eng. Luís Sá Fernandes, em Agosto, Sócio nº 461;
 - Dr. Gastão António Perestrello Deus Figueira, em Dezembro, Sócio nº 145;
 - Mário Júlio das Neves Mano, em Dezembro, Sócio nº 716;
... já em 1999:
 - Dr. Pompeu Santos Carvalheira, em Fevereiro, Sócio nº 568;
 - Eng. Luís Oliveira Ferreira, em Fevereiro, Sócio nº 1001 e
 - Dr. Lúcio Gontrand de Sá Lopes, em Maio, Sócio nº 260.
- A Saudade fica. Descansem em paz, Amigos.

3 O Cofre da Filantrópica

Quer devido à generosidade de colegas, uma das quais contribuiu com 100.000,00\$, quer ao desenvolvimento de algumas actividades, deduzidas todas as despesas, fechámos as contas de 1998 com o saldo positivo de 291.000,00\$, em vez de 108.000,00\$, apontados no último "Capa e Batina". Neste momento devido a outros contributos e algumas vendas, o montante eleva-se a 333.000,00\$. Será pouco, mas

6



Os radiosos "Longeros"

como praticamente começámos do zero, é a certeza de que o sonho da Filantrópica não é químera vã. Está nas nossas mãos. ... possível que alguns de nós não possamos ver o fruto do pomar que vai despontando, mas, o que ficar feito deverá ser recebido como herança sagrada e continuada como imperativo categórico que é. Vamos ao trabalho!

4 Última Hora

A Direcção da A.A.E.C.L. acaba de aprovar o "Regulamento da Filantrópica do qual, para esclarecimento de possíveis dúvidas quanto à natureza da Filantrópica, se transcreve o Artigo 1º:

"A Filantrópica é um serviço autónomo integrado na Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e subordinado ao respectivo Estatuto".

*Pela Filantrópica
Maria Olga Reis*

REPORTAGEM

Dia 10 de Abril de 1999, Sede da AFAP, num memorável almoço - convívio.

Ei-los que vão chegando: 1, 2, 3, 478.

Os que estão e os que vêm

mostram nos olhos a clara luminosidade dos tempos idos. É lindo de ver abraços, exclamações de alegria e de surpresa, lágrimas tímidas a espreitar...

Porque não nos encontrámos há mais tempo?

Ali estavam os veteranos tantos deles cabouqueiros da nossa Associação, mas sobretudo conviveu-se fraternalmente, daquele modo como só sabe fazer quem poliu as solas nas calçadas íngremes de Coimbra, quem estudou e sonhou nos seus jardins encantados.

Pelos momentos de verdadeira ternura ali vividos Bem-hajam todos. Bem-hajamos.

Haverá outras oportunidades. Até sempre!

Maria Olga Afonso dos Reis



Com o anfitrião Director da AFAP

Memórias dos Tempos de Coimbra

DA PRIMEIRA FOLHA DA SEBENTA (4)

Não estou muito certo do número de ordem destas nótulas. Passaram dois ou três números do Capa e Batina de que andei ausente, e não tenho à mão o meu arquivo. Também não vem mal nenhum ao mundo pelo possível erro de sequência, e os leitores pouco perderam com a ausência.

Estava para aqui a lembrar-me dos começos dos anos cinquenta, com Coimbra vergada ao peso do camartelo que lhe destruiu a velha Alta, crime de lesa História em nome do rosto bacoco do regime, perpetrado por quem nem nunca amou a cidade nem a sua universidade, teimosia que se fechou a alternativas e tapou à pressa os vestígios da velha urbe romana, emergentes dos caboucos dos mamarrachos que cercam a Alma Mater.

Por essa época, sentava-se nas carteiras do Liceu D. João III, nome piedoso que, mudado o edifício, se substituiu ao do republicano José Falcão, uma geração que veio a marcar a vida portuguesa, académicos distintíssimos nos vários ramos das ciências e das humanidades. Enumerá-los era esgotar o espaço de que dispomos.

Mas o que me levou ao percurso da memória foi um acontecimento que poucos lembrarão, e que considero marcante na vida da nossa Academia.

No liceu havia um grupo de fados e guitarradas. Numa festa de finalistas, creio que em 1951, depois de uma representação de Gil Vicente, com a presença marcante da Teresa Leónidas, seguiu-se uma serenata. Na guitarra, o António Portugal e o Manuel Pinto Mora, na viola o Manuel Costa Brás, esse mesmo, homem de Abril e personalidade impoluta. A cantar, o Mário Medeiros, uma voz suavíssima que feito o curso médico deixou de ouvir-se, o autor destas linhas, que pacientemente ainda aturam e, aqui está a razão da croniqueta, um rapaz que nunca se tinha feito ouvir. Um ou dois anos antes, tinham saído o Zeca Afonso e o Carlos Couceiro. Era o tempo em que a Feiticeira do nosso querido Ângelo Araújo, uma das mais belas canções de serenata da história da música coimbrã, entrara numa espécie de index por causa do Capas Negras. Ninguém a cantava, creio mesmo que se

receava fazê-lo, sobretudo depois dos tristes acontecimentos em torno de Alberto Ribeiro.

Pois bem: naquela noite, no ginásio do D. João III, sala de espectáculos a abarrotar de estudantes e familiares, ergueu-se dos acordes das guitarras e viola uma segura e bem timbrada voz de barítono, dando aos versos e melodia do Ângelo uma interpretação que definitivamente consagrava um trecho antológico da música coimbrã.

Esse moço corajoso que desprezou o index em nome da independência da Arte, esse notável intérprete que surgia nessa noite, ainda estudante liceal, para marcar como nenhum outro, ao longo de décadas, com inultrapassáveis criações pessoais e servindo com a sua voz rara e raríssima sensibilidade a canção coimbrã, já o adivinharam certamente: chama-se Luiz Goes. Protestou com a escolha de uma canção contra o que tinha por acto estúpido, mais tarde falou como só ele sabe de homens sós, comoveu-se com os que partem de mãos vazias, chorou os irmãos mortos na guerra ou noutras mortes, exauturou os vendilhões das águas das cascatas, fez romagens à Lapa em nome da Poesia, poemas de sal que o vento semeia, deixando-nos suspensos do tempo breve que dura o voo da ave por sobre um campo de neve... e quanto, quanto mais, nessa sua singular maneira de ser solidário, cantiga de vagabundo a sorrir aos meninos sem amor nascidos...

Com Abril na voz desde os verdes anos.

José Henrique Dias

COM O ORFEÃO ACADÉMICO DE COIMBRA EM ESPANHA

Ainda caloiro, inscrevi-me no Orfeão Académico de Coimbra. Tal inscrição permitia-me sair todas as noites para os ensaios que tinham lugar das 20h15 às 21h na antiga sede da AAC e eram dirigidos pelo simpático maestro Dr. Raposo Marques - o Palestrina.

Em 1947, o Orfeão foi convidado para cantar em Salamanca e em Madrid e houve que fazer uma selecção, pois só podiam deslocar-se 90 elementos.

Lembro-me de ir treinar com o J. Araújo e Sá para a Sereia. O certo é que ambos passámos o crivo. E lá fomos!

Em Salamanca, cantámos na Universidade. Como era seu hábito, o maestro apresentava-se sempre de capa, que deixava cair propositadamente quando fazia o gesto de início do tema. Ao ver a capa no chão, um contínuo da Universidade logo se apressou a ir buscá-la e levou-a para o estrado... O que desagradou ao maestro que a pôs de novo aos ombros para o 2º número... E o contínuo repetiu a cena... O maestro descobriu quem era e mostrou-lhe o seu desagrado... Por bem fazer, mal haver...

O espectáculo correu muito bem.

O mesmo se não pode dizer do recital de Madrid, que teve lugar num Colégio Mayor de raparigas, já que ninguém tomava atenção às indicações do Raposo Marques, pois queriam era desfrutar a paisagem de 400 moças...

E pior correu num Teatro da capital, por tacanhês do palco, o que levou o maestro a dirigir-nos do corredor da plateia...

Na altura, era Ministro da Educação de Espanha o Prof. Ibanez Martin que, mais tarde, veio a ser Embaixador em Portugal. Ele ofereceu-nos um ban-

quete no hotel Filipe II, no Escorial, em que falou, em nome do Orfeão, o jovem assistente de Direito Dr. Antunes Varela. O seu discurso foi deveras notável e impressionou tanto o Ministro Ibanez que, já como Embaixador em Portugal, me transmitiu, anos depois, esse seu sentimento quando, no Estádio José Alvalade - durante um Portugal-Espanha em atletismo-, eu lhe referi que o Prof. Varela era ao tempo o Ministro da Justiça português.

No regresso, perdemos o comboio, por questões logísticas, tendo-nos valido o Prof. Doutor Afonso Queiró, que representava o Reitor Maximino Correia nessa digressão, o qual pediu e obteve o apoio do simpático Embaixador de Portugal, Dr. Carneiro Pacheco.

Durante a viagem, cada qual contava as suas aventuras em terras espanholas. Lembro-me que havia um estudante de Direito de pequena estatura e bom jogador de andebol, o Pardal, que era sempre visto com espanholas de grande porte... E quisemos naturalmente saber o porquê desse "desnível"... A resposta foi pronta: vocês não percebem que elas tinham mais para gozar?!...

Armando Rocha

Retrospectiva da pintura de Mário Silva em Lisboa

Integrando um significativo conjunto de quarenta e duas obras, que abrangem um período que vai de 1958 a 1998, esta mostra reuniu telas que caracterizam o percurso do artista e falam de barcos, mar, catedrais, cidades, solidões, afectos e sobretudo de pessoas, ou melhor das mulheres e dos homens deste Portugal.

São quarenta anos de trabalho que traduzem uma visão de várias décadas de vida portuguesa e, em especial, do pós 25 de Abril.

Recorde-se que Mário Silva, nascido em Bencanta em 1929, é um artista com um percurso feito longe das escolas de Belas Artes e que seguiu a vida do autodidactismo.

A sua pintura, com repercussões além fronteiras, tem-se caracterizado por linhas acentuadamente expressionistas, às vezes mergulhado em territórios abstracionistas. Eternamente insatisfeito, tem procurado descobrir novas linguagens pictóricas que conferem aos seus trabalhos uma renovação constante.

Para assinalar a abertura desta retrospectiva, o escritor Urbano Tavares Rodrigues fez uma apresentação da obra de Mário Silva.

Dessa exposição o Mário Silva "arrancou" um seu belo quadro e dele fez generosa oferta à nossa Associação. Que nunca o pincel lhe faleça...

Parabéns Mário Silva

Das críticas só ouvi palavras elogiosas à Retrospectiva dos seus 40 anos de Pintura.

As obras expostas, na tarde de 23 de Março no Museu da Água, que contou com a presença do nosso Presidente da Assembleia Geral, Dr. Almeida Santos, testemunham com rigor a criatividade e o talento do grande artista que tu és.

Com obras de tal dimensão, há muito que assumiste uma enorme responsabilidade para com os teus admiradores e que muitos são. Do teu génio todos nós esperamos mais, cada vez mais...



Almeida Santos saudando o Artista.

Os Nossos Passeios

DE GAIA A BARCA D'ALVA - CRUZEIRO DA SAUDADE E DO FUTURO -

por *Durão Pereira*

Eram 11 horas e 15 minutos do dia 3 de Outubro de 1998 quando os autocarros pararam no Cais da Estiva, em Gaia, duas ou três centenas de metros a jusante da Ponte de D. Luís, e defronte do “velho casario” da nobre, leal e sempre invicta cidade do Porto que, na outra margem do Douro, exhibe as vestes mais preciosas e autênticas do enxoval das suas origens.

Embarcámos no “SENHORA DO DOURO” que aguardava a nossa chegada; soltou as amarras e, com tão lustrosa carga, fez-se ao Rio rumando de pôpa ao mar.

O Sol continuava escondido e ofuscado pelas névens, no ar uma neblina ténue ameaçava adensar e uma brisa fresca lançava o equívoco sobre a previsão atmosférica para o decurso da jornada que, com tanta alegria e ansiedade, iniciávamos.



A alegria navegando...

Poucos minutos depois passávamos sob a ponte de D. Luís, normalmente atribuída ao génio criador de Gustavo Eiffel (há quem considere que o autor do projecto da Ponte de D. Luís foi o Eng. belga Teófilo Seirig, discípulo ou, pelo menos, intérprete dos conceitos da mesma “escola” de Eiffel).

E na marcha, já de “cruzeiro”, alcançámos agora a Ponte de D.^a Maria I, que hoje é monumento nacional, e foi inaugurada em 04/11/1877.

Cerca das 12.15 horas, pudemos admirar, à esquerda - embelezada por uma harmoniosa ponte (miniatura da Ponte da Arrábida) que o talento do Eng. Edgar Cardozo criou - a foz do Rio Sousa.

Começa a vislumbrar-se a “muralha” da Barragem de CRESTUMA-LEVER, cuja eclusa tem 90 metros de comprimento por 12 de largura, fecha com porta em forma de livro e permite vencer um desnível de 14 metros.

A manobra total da ascensão desde a entrada na eclusa é de cerca de 20 minutos.

Prosseguindo, avistámos a imagem, pintada na rocha, da SENHORA DA CARDIA, onde os marinheiros dos barcos Rabelos iam rezar, pedindo protecção na passagem dos troços mais turbulentos do antigo leito do Rio Douro, agora “domesticado” e transformado numa extensa cascata de longos e tranquilos “lagos” dominados por concebidos e eficazes “degraus” que garantem a navegação segura no Rio.

O “Senhora do Douro” entrou na eclusa da Barragem do Carrapatêlo e, de novo, o entusiasmo ansioso se apoderou dos “cruzeiristas” que, ávidos de curiosidade, tomaram os melhores lugares para assistir à manobra do fecho da eclusa e da subida até ao nível da albufeira do Carrapatêlo, 35 metros acima das águas da eclusa onde entrámos, que tem o comprimento de 85 metros e 12 de largura, é a mais alta da Europa (segundo-se-lhe a de Bollene, no Ródano, em França) e uma das mais altas do mundo, tem a altura máxima de 57 metros e foi construída entre 1964 e 1971; a porta de jusante é curva e funciona pelo sistema de “guilhotina”. Possui, como as restantes, um dispositivo para transposição de peixes.

Junto a ela, situa-se a Quinta do Carrapatêlo que deu o nome à barragem e foi celebrizada por ter sido o local da última refrega do José do Telhado que, logo após, foi preso, julgado e deportado para África.

Um pouco adiante, divisamos a CASA DO DOURO, da Federação dos Viticultores da Região do Douro, cuja localização assinala o limite ocidental da Região Demarcada do Vinho do Porto, legalmente criada por decreto do Marquês de Pombal, de 1756.

Esta região tem como limite oriental o termo de Barca d'Alva e como centro geográfico o Pinhão.

Servidos e saboreados o Porto de Honra e o jantar, a bordo, tomámos os autocarros que nos esperavam no cais e nos conduziram aos locais de pernoita.

- 04 - 10 - 1998 -

O dia seguinte amanheceu com promessas de legítima esperança numa presença mais duradoira do Sol na nossa companhia.

Da cidade da Régua pode disfrutar-se a mais monumental construção dos socalcos que, transformando em extensas e estreitas faixas de terra plana as íngremes encostas das montanhas que contemplam o rio Douro, conquistou para a produção do vinho do Porto milhares de hectares de terra até então improdutiva.

A contemplação de tal paisagem e de TAMANHA OBRA DE ENGENHARIA AGRÁRIA faz-nos reflectir sobre o CUSTO da sua construção, em sacrifício, suor e sangue de gerações que, na execução de tão ingente quanto sublime projecto, encontraram a forma escolhida de viver e matar a vida, numa entrega total à terra, que nenhuma outra paixão ou fé pode suplantar. Embora a construção dos socalcos seja uma constante ao longo das encostas do Douro, é nas zonas da Régua e do Pinhão que tal solução técnica se afirma com maior perfeição e dimensão.

Eis-nos de regresso ao cais onde o “nosso” “Senhora do Douro” nos aguardava desde a véspera.



O embarque na Régua.

O tempo parece “abrir” e já se avista a “muralha” da Barragem de BAGAÚSTE, cuja eclusa tem 85 metros de comprimento por 12 de largura e o seu desnível é de 27 metros, demorando a manobra cerca de meia hora. O Sol premiou-nos com a sua presença em pleno - inundando de luz e calor e trazendo à vida a sua côr natural -, pouco depois da entrada na albufeira de Bagaúste, que mais não é do que um lago imenso, com mais de 800 hectares de superfície.

Podemos contemplar, na margem direita, a QUINTA DOS MALVEDOS (antes denominada Quinta dos Ingleses), que é o lugar onde o ex-primeiro ministro conservador inglês, John Major, vem com frequência passar férias, gozando as delícias (e os benefícios) dos banhos e da pesca, nas águas calmas e límpidas do Rio.

Ainda os comentários sobre o evento anterior estavam para durar e já passávamos em frente da foz do rio Tua e do entroncamento do mesmo nome.

O “Senhora do Douro” é agora uma festa que começa a anunciar-se ao som de um exímio pianista que durante a viagem nos proporcionou belos passos de dança e animadas rodas. Nesse ambiente de festa em fase de “ensaio” atingimos a Barragem da VALEIRA, com os seus 32 metros de desnível, na respectiva eclusa, a cuja subida o barco se apresta.

Pouco depois da Barragem da Valeira, no leito do rio selvagem, agora “açaimado” pela vontade do homem, situa-se o local que foi denominado “CACHÃO DA VALEIRA” e onde existia um estrangulamento rochoso do leito do rio, que constituía um

obstáculo natural à navegação que o Rio então podia consentir. Tratava-se de uma formação granítica que impunha a contenção das águas numa espécie de represa natural, da qual a água só lograva libertar-se despenhando-se em cascata de 13 metros de desnível.

Foi neste local que, em 12/05/1861, faleceu no naufrágio de um barco rabelo, em que seguia, JOSEPH JAMES FORRESTER, cidadão escocês que se radicou na cidade do Porto em 1830 e que ao estudo da região do Douro e do vinho do Porto dedicou o melhor do seu saber e grande parte da sua vida.

Essa devoção valeu-lhe o título de BARÃO - BARÃO DE FORRESTER - em 1855.

Para que a navegação de então pudesse fazer-se ali era imprescindível destruir aquele obstáculo natural - CACHÃO -, o que foi feito no reinado de D.^a Maria I (Sec. XVIII). A assinalar o evento, foi lavrada uma inscrição numa rocha ali existente, que lá se encontra ainda, e na qual se pode ler:

*“imperando d.^a maria I
se demoliu o famoso rochedo
que, fazendo aqui um cachão
inacessível, impossibilitava
a navegação desde o princípio
dos séculos.*

durou a obra de 1780 a 1792”.

No convés do barco a festa “aquece” e é já em pleno empenhamento geral que atingimos a BARRAGEM DO POCINHO, cuja eclusa tem o comprimento de 88 metros, 12 de largura e um desnível de 20 metros. Foi construída entre 1971 e 1977 a 180Km da foz do Douro e a sua porta fecha em forma de livro.

As vinhas e as amendoeiras eram agora a vegetação dominante, nas margens relativamente “baixas” do rio. O Sol baixava mas continuava quente.

A nossa “Presidenta” não “resistia” aos primeiros passos de dança, ao som dos primeiros acordes.



O “salero” da “Presidenta”.

Já passava das 17 horas quando à direita surgiu a foz do Rio Côa sem que os mais envolvidos no fulgor da festa se dessem conta do facto.

A "Presidenta", esbanjando o talento que Deus lhe ofertou para dar vida ao "Paso Doble", dominava já, com soberbo garbo genuinamente "gitano", uma assistência rendida a seus pés, que "abriu alas" e se arredou deixando todo o espaço disponível, para que tanto "salero" pudesse expressar-se sem contingências de qualquer espécie. E a nossa "Presidenta" movida por invisíveis "artes mágicas" desenhava no "palco" as figuras estilizadas das faenas e outros passes, que arrebatavam a assistência e levariam ao delírio a mais exigente plateia andaluza.

Perto das 18 horas, o baile perdeu o "balanço".

E quando chegara a hora em que, na Coimbra do nosso tempo, a "CABRA" tocava ao recolher dos caloiros e outros bichos "ferozes e maléficos" (art.º 403 do Cód. Civ. de 1867) começaram a ouvir-se, no silêncio da tarde e na languidez do fim do dia, os requiebrs harmoniosos e bem timbrados da voz do Manuel Ferreira, ora pujante, ora dolente, fazendo chegar aos Deuses que tantas maravilhas nos haviam permitido contemplar, naqueles dias, a nossa sentida e comovida gratidão. No fundo dos nossos corações perpassava a juventude que não volta mais, aquela que, como escreveu o vate natural destas latitudes "... é como a flor do lotus que em cada cem anos floresce apenas uma vez..."

E nesse reviver da juventude, os nossos corações vibravam mais com a voz do Manel e talvez tenham então percebido que foi por "tanto trocarmos as bôcas...", que agora nos exaltávamos, mostrando uns aos outros as fotografias dos filhos e dos netos que nasceram do amor sentido, vivido e aprendido na Coimbra que foi "CAPITAL DO AMOR EM PORTUGAL..."

Era a hora de lembrar esse passado que gerou a comunhão espiritual que ali nos reunia e nos une sempre e em qualquer parte do mundo onde os estudantes de Coimbra - pelo menos os "antigos" - se encontram.

Nesse transe, olhando pela proa do "Senhora do Douro", o horizonte visível dava-nos a sensação de que íamos entrar num lago sem outra saída que não fosse o regresso pelo caminho percorrido.

Só um pouco adiante se torna perceptível a continuação do curso do rio Douro, para Nordeste e a foz do Rio Águeda para Sul, e que, ambos, definem a fronteira com a Espanha.

Começámos a desembarcar em Barca d'Alva, que foi posto alfandegário e últi-

ma estação da linha do Douro, desde 1887 até 1989. Esta linha encontra-se "desativada" desde o Pocinho até Barca d'Alva, o que, dito de outro modo, é o desperdício de todo o investimento que tantos quilómetros de via e respectivas infra-estruturas e obras de arte representam.

Esperemos que um dia possamos - ou alguém por nós - completar este passeio fazendo então a descida do Rio, depois de ter "subido" até Barca d'Alva em combóio moderno e confortável.

FAÇAMOS FORÇA PELO FUTURO.

- 05 - 10 - 98 -

No dia seguinte, fomos ver a **Régua, Lamego**, onde visitámos a Sé, o Museu, a Senhora dos Remédios) e **Tarouca**. O célebre Mosteiro de S. João de Tarouca foi-nos apresentado, com sabedoria e poder de comunicação invulgares, pelo Senhor Caetano, funcionário do I.P.A.R., que nos deu uma panorâmica sobre: a sua história de origem eremítica beneditina, fundada antes de 1140 (a primeira casa conventual a adoptar, em Portugal, a Regra da Ordem de Cister); a sua arquitectura que, no exterior, apresenta componentes dos diversos estilos, desde o Românico ao Gótico e, no interior, obedece à plantatipo original das igrejas cistercienses, com altares ricamente ornamentados e um órgão ibérico de tubos ostentando um pormenor incomum: o maestro do coro, um velho de longas barbas, que marcava o compasso com o braço direito, movia a boca e a língua.

Em Castelo de Paiva, tivemos um suculento repasto, que nos confortou no regresso para Lisboa, com a animação costumada de quem usufruiu de mais uma oportunidade de cultura e convívio.

Durão Pereira



Parte do Grupo em Lamego.

Noticiário

I - JANTARES MENSAIS

Com castanhas e jeropiga, festejámos animadamente o S. Martinho no dia 6 de Novembro do ano findo.



Aniversariantes de Novembro.

Com a mesma animação, decorreram os jantares de 5 de Fevereiro, 5 de Março e 6 de Maio, onde a espontaneidade dos mais prendados deu a esses Convívios toques de cultura (em poesia, em textos, em histórias) e a colaboração dos cultores da música e da canção de Coimbra, sempre que disponíveis, encantando todos os presentes (entre os 60 e os 80).

E, como é habitual e esperado, o bolo de aniversário para os aniversariantes desse mês presentes e os parabéns a vocês para todos os outros (cujos nomes são religiosamente lidos). Aqui estão eles:



Aniversariantes de Março.



Aniversariantes de Maio.

II - FESTA DO NATAL

Foi vivida com fraternidade esta quadra natalícia, no Instituto dos Altos Estudos Militares, por 106 convivas, que trocaram votos de Bom Ano, adquiriram “rifas” (que logo se esgotaram...) e aderiram com entusiasmo ao “leilão” de uma preciosa travessa de porcelana pintada e oferecida pela Milú Paula -BEM-HAJAS, MILÚ! - e que hoje embeleza a casa da nossa Sócia Maria de Lourdes Castelo Branco, dada a sua generosidade. Tudo a favor da nossa Filantrópica!



A Artista e a Benemérita.

No final, uma Serenata de Coimbra pelo nosso Grupo “Porta Férrea”, que foi cumprimentado também pelo Director do Instituto, General Garcia Leandro, que nos deu a honra da sua presença.

III - ENCONTRO DOS BRASILEIROS (E NÃO SÓ...)

Também no Instituto dos Altos Estudos Militares, em 30 de Janeiro, os participantes na “Viagem ao Brasil” trocaram gratas recordações e confraternizaram com outros tantos não participantes, assistindo à exibição de um “vídeo” de 3 horas e colaborando no “Concurso de Fotografias” (umas mais óptimas que outras...), tendo o júri premiado a Teresa Leónidas, a Maria Helena Cunha e o João Maria Alves Rodrigues.



Aniversariantes de Janeiro.

IV - FESTA DO CARNAVAL

Ninguém arredou pé antes das 2h da madrugada do dia 13 de Fevereiro, na já conhecida Sala Atlântico do Altis Park Hotel, ao som da sempre apreciada "Orquestra Lorenzo's Combo".

E... para os aniversariantes desse mês presentes, a partida que esperam... mas não reconhecem, porque mudou de aspecto e conseguiu enganá-los: um monumental bolo de batata (não doce)! Eis o "manganão":



Aniversariantes de Fevereiro (com um bolo de verdade...).

V - ALMOÇO / CONFERÊNCIA

Em 17 de Abril, no Hotel Penta, cerca de 100 Sócios deliciaram-se com um buffet como prólogo da mais "suculenta" (em sentimentos) incursão pela "Velha Alta de Coimbra ... Desaparecida", levados pela ímpar dedicação à causa do **Dr. Branquinho de Carvalho**. A coroar essa brilhante Conferência, a dádiva de "mornas" e "coladeiras" por artistas cabo-verdeanos, trazidos pela Celeste e Joaquim Oliveira Martins num empolgante intercâmbio de culturas.



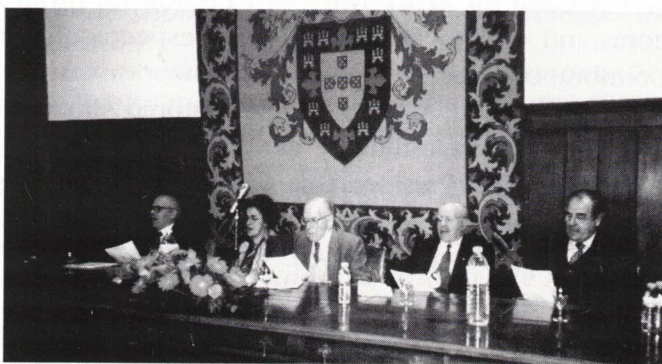
Aniversariantes de Abril.

VI - COLABORAÇÃO E CONVÍVIOS COM OUTRAS ENTIDADES

• A **Associação Académica de Coimbra** (Secção de Fado) fez-nos convidados de honra no VIII Festival FESTUNA que promoveu em Outubro de 1998, tendo a Presidente da nossa Associação entregue o 1º prémio à Tuna da Faculdade de Direito da Universidade de Madrid, como Madrinha que é da "Estudantina Universitária de Coimbra".

• A **Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto** celebrou o seu V Aniversário em 14 de Novembro de 1998, no Casino de Espinho, com a presença do novo Magnífico Reitor e das Associações homólogas (a nossa fez-se representar pela Presidente, Fátima Lencastre, e pela Vogal Maria Antónia Dionísio), com um show variado e a habitual Serenata pelo Grupo de Fados "pertença" da própria Associação.

• A **Sociedade Histórica da Independência de Portugal**, em 24 de Novembro de 1998, fez-nos participar na mesa que presidiu ao lançamento do livro que editou "*Evocação de Hylário na Coimbra do Seu Tempo*", da autoria dos nossos Sócios Anjos de Carvalho e Murta Rebelo, com a apresentação pelo também nosso Sócio Ângelo Araújo e uma Serenata de Coimbra pelo "Grupo Serenata de Coimbra".



A Evocação.

• A **Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra** em Coimbra promoveu mais um "Dia do Antigo Estudante de Coimbra" (em 5 de Dezembro de 1998), participado pela nossa Associação com uma "embaixada" de 16 Sócios nos habituais Missa, cumprimentos ao Reitor, almoço no Palácio de S. Marcos e Sarau animado por antigos e actuais estudantes.

• A **Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Engenharia do Porto** e o seu Grupo de Fados organizaram a "*I Grande Noite do Fado Académico*", no passado dia 11 de Março, com um grandioso Sarau, em que tomaram parte Grupos de Fados de Coimbra de jovens estudantes (da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, da Universidade Católica do Porto, da Faculdade de Ciências do Porto, da Faculdade de Engenharia do Porto e do ISEP), e Grupos de Antigos Estudantes de Coimbra (Grupo Trova Nova, Grupo Velha Guarda Coimbrã e o nosso Grupo Serenata de Coimbra). O Sarau, que foi gravado e posteriormente transmitido pela Rádio GSM, do Porto (102,1MHz), teve lugar no Anfiteatro do ISEP, completamente cheio, sendo notória a presença de Antigos Estudantes de Coimbra.

Se não sabias Ficas a saber que ...

- **Temos dois novos membros nos Corpos Sociais:**

A Vogal da Direcção **Maria Isabel Vieira Martins Alexandre** /em substituição do jovem Carlos Completo, que pediu escusa por motivos profissionais e pessoais);

O Vogal do Conselho Fiscal **Jorge Manuel Fernandes Nunes** (em substituição do sempre lembrado Fernando Paula).

- O nosso Poeta **Manuel Alegre** foi galardoado com o “**Grande Prémio da Poesia**” pela Sociedade Portuguesa de Escritores.

- Também outro Poeta, o **Carlos Carranca**, realizou um Programa de “**Poesia Para Todos**”, no auditório do Instituto Português da Juventude, todas as quintas-feiras durante três meses, vocacionado para sensibilizar os jovens do ensino secundário para a leitura e compreensão da poesia.

- **A Casa da Académica em Lisboa** vai promover um jantar no próximo dia 17 de Junho, pelas 21 horas, no Casino do Estoril, com espectáculo do Casino e participação de grupos académicos de Coimbra, onde serão homenageados:

Adriano Eliseu, Alberto Avelino, António Almeida Santos, Manuel Dias Loureiro, Mário Assis Ferreira, Vitor Batista, um atleta/estudante da Académica e Carlos Alberto da Mota Pinto, este último a título póstumo; Alberto Martins (Presidente da A.A.C.) e Vasco Gervásio (capitão da equipa finalista da Taça de Portugal), em comemoração dos acontecimentos de 1969. Ajuda a nossa Equipa, comparecendo (inscrição: Casino - telef. 466 77 00 - ou na C.A.L. - telef. 727 71 27 ou 0931 945 6703).

- **A Câmara Municipal de Cascais** vai promover, no próximo dia 7 de Junho, às 21.30h, no Teatro Gil Vicente, uma “**COIMBRA EM CASCAIS**”, com canto e guitarra (Grupo Porta Férrea, Luiz Goes, Carlos Carranca, Zé Henrique Dias) e poesia (Manuel Alegre e Carlos Carranca), homenageando, entre outros, António Brojo, Edmundo de Bettencourt, Carlos Paredes e Manuel Alegre. Entrada livre.

- **O nosso Boletim** tem nova composição gráfica, melhorada com o aconselhamento de especialista na matéria ... Também passa a beneficiar de um **Conselho Redactorial**, composto por: Edwino de Jesus, Carlos Rocha, Marques Gomes e Jorge Fernandes.

- **As viagens de Verão** que te oferecemos são incríveis (relê a última Circular).

- **A Campanha de donativos para a nova SEDE continua ! e ainda nos faltam muitos dos donativos que esperávamos...**

Sê generoso para ti próprio e para os Colegas (e começa por ter as **Quotas** em dia ...)

CAPA E BATINA

DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO
ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA
 INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA
 AV. ALMIRANTE REIS, 256 - 1º ESQ. • 1000 LISBOA • TELEF. E FAX: 849 45 65
 PERIODICIDADE: SEMESTRAL
 TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES
 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO